

## Resenha de *Alfabetizações em contextos monolíngue e bilíngue*, de Ubiratã Alves e Ingrid Finger: diálogos entre métodos sintéticos e analíticos nas alfabetizações

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; FINGER, Ingrid. *Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue*. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 205.

Pedro Eugênio Gaggiola  
Nathan Santos Barcellos\*

Assim como a maior parte dos tópicos acerca da linguagem humana, a leitura, a escrita e seus aprendizados não são temas triviais, caracterizados por disputas teórico-práticas e metodológicas. A obra aqui resenhada, *Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue*, busca retomar as discussões que envolvem o processo de alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue, uma vez que currículos escolares bilíngues, nos quais os alunos estudam diversas matérias fazendo uso de uma segunda língua, têm apresentado crescente demanda na educação básica no Brasil. Os autores da obra, Ubiratã Kickhöfel Alves e Ingrid Finger, são pesquisadores e professores do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professores do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição.

O livro, lançado pela Editora Vozes no ano de 2023, possui 205 páginas divididas em 6 capítulos, uma seção de introdução e uma seção de conclusão. Além disso, uma apresentação da obra realizada por Rosângela Gabriel, professora da Universidade de Santa Cruz do Sul, precede a introdução do livro. Ao longo dos capítulos, o leitor entra em contato com discussões conduzidas de maneira clara sobre temas, como o papel dos níveis de consciência fonológica no processo de alfabetização, os processos neurobiológicos envolvidos na leitura e na escrita e a alfabetização simultânea em mais de uma língua. A

---

\*Graduando e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

obra conduz os leitores, sejam eles leigos, iniciados ou experientes em estudos sobre alfabetização, pelos temas tratados de maneira didática e cativante.

Em sua introdução, os autores retomam os desafios da alfabetização no Brasil apresentando dados que indicam piora nos níveis de literacia no cenário nacional com base na avaliação do Programa Internacional de Avaliação do Aluno (Alves; Finger, 2023). Essa avaliação aponta para uma proporção de analfabetos no Brasil (6,8%) superior ao parâmetro mundial (2,6%). A conclusão é a de que métodos sintéticos de instrução alfabética com foco exclusivo na estrutura linguística, bem como métodos analíticos críticos dessa abordagem, que eliminam qualquer instrução relacional e metalinguística entre grafema e fonema, falharam em auxiliar a solucionar os desafios da alfabetização no território nacional. Uma possível solução apresentada ao longo da obra é a integração desses métodos, entendendo que a alfabetização é um fenômeno psiconeurológico complexo: a leitura proficiente depende de processamentos que partem do estímulo visual de palavras inteiras, relacionando palavra e significado de maneira automática (Alves; Finger, 2023), e também depende de processamentos que associam grafema e som. Desde essa perspectiva, os autores defendem práticas de alfabetização contextualizadas que abordam textos autênticos, não limitadas à análise formal desses mesmos textos, mas que não ignoram a relevância de instruções metalinguísticas acerca das relações entre som e letra, uma vez que um dos tipos de processamento da leitura opera justamente com base em relações grafofonêmicas.

No primeiro capítulo, conceitos basilares a respeito do processo de alfabetização são apresentados e discutidos a partir de questões como: *ler* e *compreender* apresentam relação de sinonímia (Alves; Finger, 2023)? Ou seja, saber ler implica a capacidade de mobilizar gêneros textuais para que o sujeito intervenha em práticas sociais letradas? Ou devemos considerar essas habilidades como distintas, ainda que interdependentes? Para responder às questões, uma distinção acerca dos conceitos de *alfabetização*, *letramento* e *literacia* é estabelecida. No domínio da discussão realizada ao longo da obra, *alfabetização* faz referência ao processo no qual a criança torna-se apta a relacionar “os símbolos gráficos que correspondem às letras do alfabeto e os elementos sonoros distintivos de sua língua” (Alves; Finger, 2023, p. 30). Já o processo no qual o sujeito encontra-se capacitado a intervir e participar em práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita é definido pelo termo *letramento*. Ainda que essa distinção seja relevante ao debate proposto ao longo da obra, ambos os conceitos são estreitamente relacionados por assumirmos que práticas letradas dependem da alfabetização. Por fim, o conceito de *literacia* está posicionado em um diferente campo teórico que também se dedica à compreensão dos processos de leitura e escrita chamado de Ciência da Leitura no Brasil. Esse conceito engloba o conceito de alfabetização, mas não se reduz a ele: o desenvolvimento da literacia implica o desenvolvimento de processos cognitivos e linguísticos envolvidos na compreensão de textos (Alves; Finger, 2023).

Partindo da diferença e da dependência entre os conceitos de alfabetização, letramento e literacia apresentados, uma proposta que divide esse último conceito em quatro níveis é explicitada, o Modelo dos Quatro Níveis de Literacia (Alves; Finger, 2023). O primeiro dos níveis, denominado *Habilidades Sociometalinguísticas*, faz referência a competências anteriores à apropriação do sistema alfabético, como a competência de compreender discursos orais, de reconhecer palavras isoladas de acordo com suas formas, de reconhecer símbolos e de reconhecer, intuitivamente, a sílaba e elementos intrassilábicos, entre outras competências (Alves; Finger, 2023). O segundo nível, denominado *Literacia Alfabética*, engloba “o processo de alfabetização e o desenvolvimento do nível tradicionalmente chamado de *consciência fonêmica*” (Alves; Finger, 2023), ou seja, faz referência à habilidade de relacionar letras e sons distintivos partindo de princípios alfabéticos particulares de cada língua. O terceiro nível, chamado de *Literacia Textual*, refere à capacidade de leitura autônoma e ao reconhecimento e utilização dos elementos linguísticos que estruturam os textos. O leitor desse nível está apto a compreender e utilizar nexos conectivos, estabelecer relações entre parágrafos e reconhecer aspectos de coesão e coerência no contato com diversos textos (ainda que de maneira implícita). O quarto nível, por fim, a *Literacia Social*, acarreta um leitor preparado para manipular textos escritos nas diversas práticas sociais letradas.

É importante enfatizar que a relação estabelecida entre os Quatro Níveis de Literacia não exige uma cronologia de sucessão plena e puramente serial entre esses níveis. Ou seja, o desenvolvimento de uma habilidade prevista para um dos níveis pode coexistir com o desenvolvimento de habilidades previstas para outro nível de modo cooperativo. Considerando a complexidade psicolinguística dos processos de leitura e escrita refletida na delimitação do Modelo de Literacia apresentado pelos autores, os autores defendem uma proposta pedagógica de alfabetização que ofereça à criança uma aprendizagem *autônoma*, mas *guiada* (Alves; Finger, 2023) se desejarmos que essa aprendizagem seja bem-sucedida.

O papel da consciência fonológica no desenvolvimento da leitura e da escrita é o foco do segundo capítulo. Esse tipo de consciência é tido como “a capacidade de refletir e manipular de forma consciente os sons da fala” (Alves; Finger, 2023, p. 58), isto é, necessita-se de uma *haja* manipulação intencional — e, portanto, consciente — da fonologia da língua em diferentes níveis, como o da sílaba, da rima e do fonema. Em meio a essa discussão, o leitor é lembrado do recorte teórico ao qual o conceito de sílaba se insere nesse capítulo. Define-se sílaba como uma unidade natural de segmentação da fala (Alves; Finger, 2023), distinta do conceito de sílaba presente no âmbito da separação ortográfica das palavras, orientado a partir de regras de ortografia. Essas regras não, necessariamente, coincidem

com o padrão silábico observado na fala: devemos separar <carro> como <car-ro><sup>1</sup>, ainda que no uso oral da língua observemos a segmentação ['ka.xu].

O desenvolvimento da consciência fonológica a nível silábico e intrassilábico, portanto, é tido pelos autores como importante etapa da educação infantil. Atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras que estimulem a compreensão consciente das estruturas e dos padrões fonológicos da língua, podem facilitar o processo de formação de leitores e escritores por impulsionarem as habilidades metafonológicas e metalinguísticas da criança, fazendo com que ela reconheça a não aleatoriedade dos padrões linguísticos. Cabe destacar que essa proposta de inclusão de atividades que objetivam explicitar os aspectos formais da língua não exclui o trabalho com textos autênticos e semanticamente significativos aos alunos. Os autores defendem, por conseguinte, uma abordagem pedagógica que concilie métodos sintéticos e analíticos de alfabetização (Alves; Finger, 2023).

O terceiro capítulo caracteriza o processo de alfabetização, que é composto de descobertas psicolinguísticas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança quanto à consciência fonêmica (Alves; Finger, 2023). O início desse processo se dá a partir do desenvolvimento da consciência fonêmica, pela segmentação da cadeia fônica, e posteriormente de vocábulos gráficos em unidades lexicais. Os autores apontam para a importância cognitiva da alfabetização, que contribui para o exercício de diversas habilidades, incluindo a memória verbal, vital na capacidade de pensamento complexo e da argumentação bem elaborada, por exemplo.

Os autores discutem a transparência de línguas específicas e seu ensino (como língua adicional ou não) e a necessidade de, tanto em contextos monolíngues quanto em bilíngues, trabalhar-se com a consciência grafofonológica. A orientação por parte do professor se faz mister ao apontar possibilidades de (não) correspondência entre letras e segmentos, já que esses elementos intrassilábicos e de lectoescrita não se desenvolvem tão naturalmente quanto a consciência silábica, mas sim junto com a alfabetização (no nível da *Literacia Alfabética*). É o domínio de elementos intrassilábicos na leitura que diferencia a fase alfabética parcial da fase alfabética completa (Alves; Finger, 2023, p. 86-87).

O capítulo também apresenta uma problematização quanto à correspondência entre letra e segmento, disposta como a primeira sendo discreta (elemento altamente distintivo) e o último como contínuo (sem fronteiras fonéticas claras na coarticulação com outros segmentos na fala). Mesmo que a noção clássica de fonema seja, de acordo com os autores, uma consequência da característica também discreta do sistema da escrita, na verdade ela não é uma unidade tão nitidamente isolável. Mesmo assim, os autores advogam por

---

<sup>1</sup> Parênteses angulares são utilizados para grafemas, e colchetes, para fones.

exercícios de adição, exclusão, síntese, segmentação de letras/fonemas (dispostos na Tabela 3 do livro, p. 78) como biunívocos, porque suscitam a percepção e a localização dos aprendizes quanto ao sistema abstrato e idiossincrático que é a língua e sua representação escrita. Por essa razão, preferem chamar essa habilidade metafonológica como *consciência grafofonológica* e não *fonêmica* — porque representações gráficas e sons se coadunam (Alves; Finger, 2023).

Para descrever as fases pelas quais a criança percorre até atingir o estágio tido como final na aprendizagem da leitura, Alves e Finger (2023) apresentam o construto de Ehri (2005). Essa proposta consiste em quatro fases do desenvolvimento da leitura que demonstram certa independência entre si: (i) pré-alfabética (apenas características salientes são notadas, como símbolos de marcas famosas que envolvem grafemas); (ii) alfabética parcial (grafemas iniciais e finais fixados, mas dificuldade no reconhecimento de grafemas mediais de palavras); (iii) alfabética completa (domínio do processo *bottom-up*) e; (iv) alfabética consolidada (armazenamento de *chunks* para uma leitura mais rápida e menos onerosa à memória de trabalho com a habilidade de processo *top-down*). Os autores descrevem brevemente este construto para relacioná-lo ao Modelo dos Quatro Níveis de Literacia, apresentado anteriormente e propõem que as fases pré-alfabética e alfabética parcial estariam dentro do nível das *Habilidades Sociometalinguísticas*, enquanto a alfabética completa e a consolidada estariam dentro do nível de *Literacia Alfabética*.

Já o quarto capítulo apresenta ao leitor uma síntese da área de pesquisa conhecida por Neurociências da Educação, que integra pesquisa básica e aplicada acerca dos processos neurobiológicos envolvidos no aprendizado e foca em práticas pedagógicas centradas no aluno. Primeiramente, sabe-se que a leitura não pode ser equiparada à fala no que diz respeito à naturalidade de seu processo de aprendizagem, ainda que esse tenha sido o paradigma no campo de pesquisa em leitura por algumas décadas. Essa constatação, assim sendo, posiciona a leitura na esfera das tecnologias fundadas culturalmente e a define como uma ação não natural (Alves; Finger, 2023), diferenciando-a da fala.

É o processo de reciclagem neuronal que possibilita o reconhecimento das relações grafofonêmicas, definido enquanto a adaptação de circuitos neuronais originalmente selecionados para realizar funções essenciais para a sobrevivência da espécie, como o reconhecimento de animais, de rostos e de elementos relevantes da natureza (Alves; Finger, 2023). O fato de o encéfalo ser moldável a partir da experiência possibilita que esses circuitos sejam reorganizados para processar símbolos da escrita de maneira eficiente. Segundo os Alves e Finger (2023), há dois circuitos neuronais distintos para possibilitar a habilidade de leitura: a Rota Fonológica e a Rota Lexical. A primeira rota predomina no processamento de palavras nunca antes lidas pelo indivíduo, uma vez que essa rota relaciona grafemas e sons individualmente. A segunda rota predomina na leitura de palavras frequentes ao indivíduo, nas quais o estímulo visual do vocábulo licencia o acesso ao

significado desse vocábulo de maneira automática. Ambas as rotas atuam de maneira simultânea e paralela em leitores fluentes. Os autores salientam que esses achados na área da Ciência da Leitura são relevantes, pois podem contribuir para que professores estabeleçam práticas pedagógicas que sejam reflexo de como o cérebro processa a leitura, possibilitando um empenho cientificamente fundamentado para solucionar o problema dos baixos índices de literacia observados no Brasil (Alves; Finger, 2023).

O quinto capítulo é iniciado com a correspondência entre os termos *alfabetização bilíngue* e *alfabetização em duas línguas*, que envolvem o mesmo processo de alfabetização apresentado, mas em situações que envolvem mais de uma língua. Com o intuito de modificar o Modelo dos Quatro Níveis de Literacia para que abarque também a alfabetização bilíngue, os autores passam a utilizar os termos *literacia bilíngue* ou *biliteracia*, entendendo que as bases neurobiológicas descritas no capítulo 4 são compartilhadas entre as línguas.

Os contextos em que ocorre a alfabetização bilíngue são, em geral, escolas bilíngues, que inserem uma língua adicional no currículo desde a infância, expandindo, assim, o repertório dos alunos. Esse tipo de educação deve ser diferenciado da *alfabetização de bilíngues*, já que, nesses casos, a escolarização ocorre pela língua majoritária apenas, sem dar uma escolha ao aluno e sem mobilizar todo seu repertório durante as aulas. Esse é um contexto frequente para migrantes e refugiados, que muitas vezes não têm instrução formal para todos os níveis de literacia, além de terem sua fluência em L1 vista como um atrapalhador no processo de letramento. Crenças do senso-comum como essa são rebatidas pelos autores, que mostram diversos argumentos sobre uma certa colaboração entre as línguas disponíveis ao falante, através de uma proficiência subjacente comum (Alves; Finger, 2023). Retornando à importância da consciência fonológica na aquisição da leitura (em língua materna ou adicional), de acordo com os autores, as transferências no nível fonológico de cada sistema auxiliam na construção da consciência grafofonológica geral, e métodos heteroglóssicos (Alves; Finger, 2023) podem, assim, potencializar o desenvolvimento de repertório e capacidades cognitivas.

O sexto capítulo versa sobre o desenvolvimento da consciência fonológica na alfabetização bilíngue. Seguindo o raciocínio da seção anterior, os autores indicam a alfabetização simultânea (em duas línguas) como uma prática positiva e apontam para atividades de desenvolvimento metafonológico para apoiar essa aprendizagem. Entretanto, a capacidade vital para o aprendiz ser alfabetizado em ambas as línguas é conseguir perceber (e manipular) as diferenças fonético-fonológicas entre os sistemas. Para elucidar o que entendem por consciência fonológica, os autores explicam que ela é dividida, no contexto educacional bilíngue, em dois tipos de conhecimento: habilidades metafonológicas e conhecimento do sistema de sons da língua adicional (Alves; Finger, 2023). Isso porque o primeiro faz parte do repertório cognitivo subjacente, sendo utilizado

em todas as línguas disponíveis ao falante, enquanto o segundo é a diferenciação entre os sistemas de sons, focado em cada língua separadamente e contrastando-as.

A conclusão do livro é encaminhada pelos autores com aspectos a serem considerados por professores alfabetizadores em contexto bilíngue, através da exemplificação de possíveis passos pedagógicos. Tarefas que estimulam habilidades metafonológicas fazem com que os alunos reflitam sobre a relação entre sons e entre palavras e manipulem esses aspectos de acordo com sua correspondência gráfica ou não. Casos em que os alunos desenvolvam padrões que resultem em generalizações inválidas, por conta de idiosincrasias da escrita em uma língua ou de diferenças entre as línguas, requerem sensibilidade do professor, que deve auxiliar o aluno na redefinição de suas hipóteses e aprofundamento de concepções (Alves; Finger, 2023). Assim, quanto mais o aprendiz tiver oportunidades de experienciar e brincar com as línguas, mais aparato terá para lidar com o desafio da alfabetização.

Consideramos que a obra resenhada aqui é de grande importância no que diz respeito à desmistificação de crenças sobre alfabetizar em duas línguas. Os autores descrevem claramente o processo de alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue, se amparando em uma vasta bibliografia sobre o tema, indicando estudos que avançam nos tópicos discutidos, caso o leitor desejar aprofundar-se nos temas. Entretanto, futuros trabalhos na mesma linha podem elucidar melhor sobre a escrita, uma vez que a obra resenhada foca, majoritariamente, no desenvolvimento da leitura. Além disso, ainda que a obra referencie ampla bibliografia ao longo de seus capítulos, um exemplo detalhado de planejamento didático ou uma análise de um relato de prática pedagógica nos contextos de alfabetização investigados pela obra poderiam evidenciar ao professor-leitor a aplicação das conceitualizações qualificadamente explicitadas e discutidas pelos autores ao longo da obra.

A leitura da obra *Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue* pode beneficiar professores da escola básica que enfrentam os desafios da crescente prática de alfabetização em duas línguas no Brasil, bem como pode beneficiar educadores que se interessam pelo tema, pois irão encontrar uma exposição robusta acerca do processo de aprendizagem de leitura e escrita fluentes em uma ou mais línguas e também uma discussão de questões desafiadoras nesse processo.

Por fim, os autores reafirmam seu posicionamento relativo às condições necessárias para o desenvolvimento de uma literacia plena, que não se resumem a práticas pedagógicas que tomam apenas a estrutura (Alves; Finger, 2023), mas também não ignoram a reflexão a respeito dos aspectos linguísticos formais. Assim sendo, a conciliação entre essas práticas, que, na verdade, reflete os mecanismos neuropsicológicos de como os indivíduos processam a leitura, pode culminar em níveis mais satisfatórios de literacia, formando

estudantes e cidadãos que participem das práticas sociais letradas em quaisquer idiomas por eles falados.

## Referências

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; FINGER, Ingrid. *Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue*. Petrópolis: Vozes, 2023.

Recebido em 15 de abril de 2023

Aceito em 03 de outubro de 2023